

Bresser admite risco de hiperinflação

E não acredita na formalização do pacto social sem a participação dos políticos



Mailson: tarefa é evitar hiperinflação

O ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira, concordou, ontem, com as preocupações manifestadas pelos presidentes de Federações das indústrias, reunidos na Confederação Nacional da Indústria, quanto ao perigo de o País enfrentar uma hiperinflação. Admitiu que existe o risco de tal possibilidade, mas entende que a saída não está na implementação de um pacto social no qual não acredita.

As medidas adotadas pelo governo de limitar os reajustes de preços em 80 por cento do Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC) e proibir reajustes em períodos inferiores a 30 dias tornou-se, segundo ele, uma necessidade depois que as remarcações dos preços tornaram-se incontroláveis. Ele acredita na possibilidade de uma estabilização do processo inflacionário, mas não previu em que patamar.

Quanto à tentativa de se partir para um pacto social, como pregou no último domingo o ministro do Exército, Leônidas Pires Gonçalves, e, antes, o presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), senador Albano Franco, Bresser Pereira mostrou-se absolutamente descrente: "Eu acho muito difícil o pacto social; é impossível colocá-lo em prática através da reunião de empresários, sindicatos e governo".

Segundo o ministro da Fazenda, a experiência de um pacto social somente poderá lograr algum resultado positivo se o mesmo for conduzido pelos partidos políticos, como aconteceu na Espanha, através do "Pacto de Moncloa". Através dele, disse, acertou-se não apenas o saneamento da economia, mas uma série de temas institucionais referentes ao encaminhamento do processo democrático espanhol, como a elaboração, por exemplo, de nova lei eleitoral e acerto de definições referentes ao relacionamento entre o capital e o trabalho, avaliado pela classe política responsável pela condução da democracia.

O ministro manteve-se otimista apenas em relação ao comportamento que se esboça na área externa. Segundo ele, depois da adoção da maxidesvaloriza-

ção, as exportações e o saldo da balança comercial aumentarão e, como resultado, será possível encaminhar uma negociação da dívida satisfatoriamente. Ele disse esperar que o FMI entenda o esforço do governo em sanear a economia pela recuperação das exportações.

PERPLEXIDADE E DESCRENÇA

A reação dos empresários à palestra proferida por Bresser variou entre os empresários, da ira à descrença, passando pela perplexidade. A ira foi manifestada pelo deputado e empresário Francisco Carneiro (PMDB-DF): "Até agora ele não disse nada. Só está falando bobagem, como tem feito até agora". O presidente da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro, Artur João Donato, considerou que Bresser falou mais como um acadêmico do que como alguém entrosado com os problemas práticos da economia. O mesmo disse o presidente da Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul, Luís Otávio Vieira: "O relato do Ministro foi mais de um acadêmico do que de um ministro da Fazenda".

Luís Otávio Vieira destacou a honestidade expressa por Bresser Pereira ao reconhecer que dispôs de pouco tempo para fazer um diagnóstico da realidade complexa do governo, mas lembrou que não acredita que o novo ministro possa conseguir algo de positivo na sua missão, porque o governo não possui legitimidade. Para o presidente da Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul, o governo Sarney acabou, tratava-se de um governo de transição que cumpriu a sua missão, agora precisa dar vez a outro que terá que vir por eleições diretas. Sem diretas não haverá governo legítimo para administrar a crise, frisou.

O medo maior dos empresários é com a recessão, em primeiro lugar, e com a hiperinflação, em segundo. As informações sobre demissões de trabalhadores (4 mil em São Paulo, na semana passada) foi interpretada por Albano Franco, presidente da CNI, como o sinal mais perverso apresentado pela econo-

mia, nos últimos meses. Trata-se, disse, de um aviso de que a situação pode deteriorar, razão pela qual, destacou, o seu discurso insistiu na necessidade de bloquear por todos os caminhos a investida recessionista.

O instrumento principal que poderia impedir o aprofundamento da recessão, a taxa de juros, está, porém, imobilizado pelo governo. Bresser, segundo Albano Franco, não deu nenhum sinal de que reduzirá as taxas de juros. Elas, frisou o ministro, serão mantidas em níveis reais. Albano, pessimista, disse que tal estratégia inibirá os investimentos e estimulará a especulação financeira.

Albano Franco destacou que a hiperinflação é outra preocupação que passou a ser permanente entre os empresários, mas é preferível conviver com a inflação, ressaltou, do que com a recessão.

CORRUPTA E CANALHA

Os empresários foram duros nas indagações ao ministro quanto ao funcionamento da máquina administrativa. Para o presidente da Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul, Luís Otávio Vieira, a máquina é corrupta, debochada e descarada. Ele indagou-lhe se o ministro tinha planos para sanear a máquina e mostrou-se descrente de que isso venha a acontecer porque considera improvável tal possibilidade a menos que haja eleições diretas para presidente da República como primeiro passo.

Bresser respondeu que certamente a máquina administrativa é emperrada, mas destacou que o governo está trabalhando para equacionar os seus gastos. O presidente da Federação das Indústrias do Rio de Janeiro, Artur João Donato, indagou-lhe se ele dispõe de um plano de governo que fixe metas de longo prazo. Bresser respondeu dispor do plano deixado por Dilson Funaro que prevê crescimento médio de 7 por cento entre 1988 e 1990.

Bresser Pereira não quis dar entrevista após falar a portas fechadas com os empresários. Ele tinha reivindicado à CNI para não permitir o acesso da imprensa porque desejava ter maior liberdade para falar.